

AUTHIER-REVUZ/PÊCHEUX: UMA INTERFACE EM CONSTRUÇÃO

Carolina Fernandes *

RESUMO: *Este trabalho propõe uma discussão teórica a respeito do modo como a teoria pêcheutiana é absorvida por Authier-Revuz durante o processo de balizagem teórica de sua disciplina. Para isso, analiso como é desenvolvido o conceito de interdiscurso elaborado por Pêcheux na teoria das não-coincidências do dizer de Authier-Revuz, ponto onde a autora assume a interface com a análise do discurso e, mais especificamente, com a análise empreendida por Michel Pêcheux. Revelo, neste artigo, que tal interface proposta por Authier-Revuz ainda se mostra muito insipiente apesar da finalização de sua tese, uma vez que a noção de interdiscurso é ressignificada e sua pertinência a respeito da questão da dupla heterogeneidade não é considerada.*

PALAVRAS-CHAVE: *interface, Authier-Revuz, Pêcheux.*

ABSTRACT: *This work proposes a theoretical discussion on the way how the pêcheutian theory was absorbed by Authier-Revuz, during the theoretical fundament of her discipline. Thus, I analyse how the concept of interdiscourse elaborated by Pêcheux is developed in the theory of the non-coincidences of the saying of Authier-Revuz, a point in which the author assumes the interface with discourse analysis e, more specifically, with the analysis effected by Michel Pêcheux. I reveal, in this article, that the interface, proposed by Authier-Revuz, still is very insipient, although the ending of her thesis, since the notion of interdiscourse is resignified and its pertinence in relation to the issue of the double heterogeneity is not considered.*

KEY-WORDS: *Interface, Authier-Revuz, Pêcheux.*

INTRODUÇÃO

No meu processo de preparação na análise de discurso, tive contato com os textos da lingüista Jacqueline Authier-Revuz cujo escopo teórico inserido na Teoria da Enunciação abre espaço para operar interfaces com outras áreas do conhecimento tais como a psicanálise, a teoria bakhtiniana e a análise do discurso. O que me provocou certa inquietação foi justamente a última interface apontada, já que não percebi, de imediato, uma significativa intervenção da análise do discurso, mais especificamente da análise desenvolvida por Michel Pêcheux na França, nos estudos de Authier-Revuz.

Este trabalho se refere, então, ao modo como a teoria pêcheutiana, por meio do conceito de interdiscurso, interfere no quadro teórico elaborado

* Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, linha de pesquisa Análise Textuais e Discursivas.

pela lingüista em seu estudo de tese de Estado desenvolvido entre os anos de 1977 e 1992.

O artigo consta de um capítulo introdutório acerca da teoria de Authier-Revuz, onde busco justificar a presença dos exteriores invocados à construção de seu embasamento teórico. Tomando a interface com a análise de discurso pècheutiana como objeto de discussão teórica, desenvolvo os demais capítulos objetivando apreender o modo pelo qual se dá esse atravessamento por meio da noção de interdiscurso importada por Authier-Revuz. Em outro capítulo, traço um esboço dessa noção tal como foi desenvolvida por Pêcheux (1975-1983), para então, no próximo capítulo discutir seu modo de apreensão na teoria de Authier-Revuz. Já na conclusão, avaliando o estudo teórico aqui esboçado, busco desenvolver um gesto interpretativo à questão da efetividade da interface entre ambos os autores.

A TEORIA DE AUTHIER-REVUZ

Inscrita no terreno lingüístico que se ocupa do estudo da enunciação, entendendo esta como Benveniste (1989, p.82) a concebeu: *este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização*, Authier-Revuz ocupa nele um espaço singular do qual trato, nesse capítulo, a fim de, revelando suas peculiaridades e influências, compreender o modo como sua teoria se articula com as áreas que dialoga.

Como mostra Teixeira (2000, p.133), de Saussure, Authier-Revuz preserva a *língua como ordem própria*, sem com isso, denegar o exterior que a constitui, mostrando afinidade com a teoria de Benveniste por meio da qual o lingüista revela a existência do sujeito, entidade considerada por Saussure externa ao sistema lingüístico, como parte integrante e inseparável da língua, vista pelo viés enunciativo. Essa constatação Benveniste faz a partir do estudo que revela as marcas lingüísticas de tempo, pessoa e lugar como sendo evidências da presença da exterioridade no sistema formal lingüístico. Tais evidências, a autora observa também quanto às modalizações autonômicas que dizem respeito à capacidade do sujeito de opacificar a língua durante o ato enunciativo, ou seja, o sujeito “reflete” acerca do próprio uso que faz da linguagem no próprio momento de usá-la.

Ao mesmo tempo em que se aproxima de Benveniste, Authier-Revuz se distancia no modo como o exterior é apanhado pela teoria benvenistiana acerca da subjetividade. De acordo com a Teixeira, Authier-Revuz considera que, para estudar a língua, precisa-se recorrer aos seus exteriores, mas não os deslocando de seu lugar específico, como o fez Benveniste ao trazer o exterior para dentro do sistema lingüístico, desconsiderando seu modo de ser. Para essa lingüista, é preciso perceber o sujeito como uma

exterioridade necessária à constituição da língua, que a afeta e a desestabiliza.

Authier-Revuz objetiva, então, teorizar esse conceito dentro do escopo teórico da Teoria da Enunciação, ou “teorias da enunciação”, como prefere chamar. No entanto, para isso, recorre, além dos exteriores conceituais, a exteriores teóricos que importa de outras áreas do conhecimento estranhas à Lingüística “*stricto sensu*”. Convida ao diálogo, então, a psicanálise freudiana e sua releitura por Lacan, assim como o dialogismo bakhtiano e, em certo momento, julga necessária a intervenção do conceito de interdiscurso desenvolvido por Pêcheux. É justamente, nesse modesto ponto da teoria, que reside a discussão a qual abordo mais detidamente nos capítulos que seguem. Passo agora a uma breve explicitação dos resultados obtidos por Authier-Revuz em seu trabalho de tese de Estado considerando tais interfaces.

A relação com a psicanálise permite à autora perceber o sujeito como sendo *descentrado, clivado, afetado pelo inconsciente e*, por isso, não sendo, portanto, fonte do seu dizer, tal como explicita em:

O sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à linguagem, que lhe serviria para “traduzir” em palavras um sentido do qual ele seria fonte consciente. (Authier-Revuz, 1982, p. 63)

Embora não seja fonte do seu dizer, o sujeito tem a necessidade e a ilusão de sê-lo, ilusão esta essencial à sua constituição. A autora (idem, p. 69) toma o sujeito, então, conforme o pensamento lacaniano, como sendo um *efeito de linguagem*, não podendo existir fora dela, numa *posição de exterioridade em relação à linguagem*, já que esta é vista como condição do inconsciente, do Outro que constitui o um, bem como seu discurso.

O sujeito toma a palavra, mas a palavra não é sua, já está lá, vem de algum lugar - por isso a recorrência ao interdiscurso - e vem de outro alguém que o constitui, além de constituir sua fala. É ao dialogismo bakhtiano que Authier-Revuz recorre para estudar a interferência do discurso outro no discurso do sujeito compreendendo as noções de alteridade e polifonia no estudo do discurso relatado e citado. Nota-se a presença de mais um outro, este com “o” minúsculo que se refere ao *interlocutor, diferente do locutor* (Authier-Revuz, 1990, p. 31), que, sendo externo, o sujeito se julga separado dele, como se este fosse um objeto de seu discurso.

Desse novo modo de conceber o sujeito no quadro dos estudos enunciativos, Authier-Revuz chega a formular os conceitos de *heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva*. A forma explícita da constituição heterogênea do sujeito, denominada de heterogeneidade mostrada, é definida pela autora (1990) como sendo a inscrição do discurso do outro no discurso do sujeito, assinalando a fronteira entre o externo e o interno

no fio do discurso. Tal heterogeneidade é ainda dividida em marcada e não-marcada, conforme o modo de aparecimento no discurso, ou seja, a heterogeneidade é mostrada e marcada quando as formas lingüísticas estão claramente delimitadas no discurso, podendo ser assinaladas e descritas, já a heterogeneidade mostrada e não- marcada é mais velada, já que a delimitação das formas lingüísticas não é facilmente reconhecida, mas pode ser recuperável. Logo, somente a heterogeneidade mostrada e marcada se torna passível de formalização pela Lingüística na forma de discurso direto, indireto.

Desse tipo de heterogeneidade, retiramos, a título de exemplificação, apenas duas seqüências do corpus o qual a autora (1982, p. 14-15) descreve exaustivamente: *Feijões verdes, al dente, como dizem os italianos.É verdade que atualmente, para usar uma expressão da jovem geração, se “arrebentam” fazendo política, mas...*

Ao contrário da heterogeneidade mostrada, a heterogeneidade constitutiva é avessa a qualquer modo lingüístico de descrição, visto sua presença implícita e dissimulada no discurso do sujeito. Authier-Revuz (1982, p. 21) a considera, portanto, o *ponto-limite* da Lingüística com relação ao estudo da heterogeneidade, onde o embasamento teórico-metodológico se esgota e clama por auxílio. Mas, se a heterogeneidade constitutiva está aquém dos estudos lingüísticos, por que seu interesse por ela? Quer a autora desviar seu campo de pesquisa? A resposta é claramente negativa. Como exposto acima, não há linguagem sem sujeito, não há estudo enunciativo sem sujeito, assim como, na perspectiva adotada por Authier-Revuz, não há sujeito isolado da heterogeneidade, que, sendo mostrada ou não, constitui todo o sujeito assim como toda a linguagem.

Portanto, a lingüista não ignora a heterogeneidade constitutiva na sua teoria, uma vez que o *Outro é onipresente e está em toda parte* (idem). Entretanto, para abordá-la precisa recorrer a um horizonte que se encontra fora do alcance lingüístico (ibidem), mexendo, assim, com o próprio objeto da Lingüística, que de objeto bem delimitado, passa a ser encarado pelo viés da falta (Authier-Revuz, 1994), ou seja, a autora mostra que o processo de nomeação é falho e se inscreve na meta-enunciação por meio da qual vem enxertar [palavras] em um ponto do fio do dizer para aí nomear a falha (idem, p. 269).

Desse modo, a opacidade da linguagem conduz a autora a considerar uma forma mais flexível de sistematização, considerando os lapsos, as falhas, os equívocos como constitutivos da linguagem. No entanto, como lingüista, Authier-Revuz reconhece o seu lugar e os limites de sua disciplina. Por isso, aponta a relação da língua com esses exteriores, mas não ultrapassa o limite da descrição lingüística por julgar inconveniente deslocar-se de sua área de formação.

Pode-se notar, portanto, que Authier-Revuz forja uma teoria muito adversa da Lingüística formal desenvolvida em torno da imanência da

língua, sem, com isso, deixar de ser lingüista, ampliando o espaço de atuação dos profissionais da área e, ao mesmo tempo, reconhecendo os limites desse espaço.

Feito esse breve percurso pela teoria de Authier-Revuz, passo ao estudo da noção de interdiscurso tal como foi forjada por Pêcheux para logo após verificar o modo de inserção desse conceito nesse quadro teórico que acabo de esboçar.

O CONCEITO DE INTERDISCURSO EM PÊCHEUX

Pêcheux, instigado com a abordagem dada ao sentido nos estudos da linguagem, logo o relaciona ao conceito que elabora de formação discursiva³, doravante FD. Segundo o autor (1971), em texto que contou com a colaboração dos lingüistas Claude Haroche e Paul Henry, a noção de FD é definida como sendo aquela que determina ‘o que pode e deve ser dito’ [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura dada. (idem, p. 148).⁴

Para o teórico, o sentido das palavras, expressões ou proposições não é dado a priori, precisa antes passar por uma FD que indica a posição ideológica que o sujeito deve ocupar, tal como explicita em: “constata-se que as palavras podem mudar de sentido segimdp as posições tomadas por aqueles que as empregam (ibidem, p.140) concluindo que as palavras mudam de sentido passando de uma formação discursiva a uma outra. (op.cit., p.148)⁵

Assim, se o sentido encontra abrigo numa FD durante o ato enunciativo, onde estarão colocados os dizeres após a realização desse ato? Eles perdem o sentido, deixando-o preso na massa amorfa da FD? Quanto a isso, Pêcheux deixa claro que os sentidos e, do mesmo modo, os dizeres, estão em constante curso, transitando pelos discursos, produzindo o efeito de já-lá, de já-dito, embora esquecido.

Para dar conta desses sentidos e dizeres já-lá, Pêcheux (1975) forja a noção de interdiscurso como sendo o lugar que abriga todos os dizeres advindos de todas as FDs, por isso, caracterizá-lo por non-sens, ou seja, o lugar do não-sentido, onde a ideologia ainda não fez eleger seus sentidos possíveis, lá todos encontram permissão para existir.

Desse modo, o autor (idem, p. 162) formula a concepção de interdiscurso como sendo esse ‘*complexo com dominante*’ das formações discursivas, já que é nesse espaço que a FD recorta seu domínio de saber.

3 O termo formação discursiva foi cunhado por Foucault, em *Archeologie du Savoir*, de 1969, para quem a FD refere-se a um *domínio associado de saberes*.

4 Tradução minha de: «déterminent ce qui peut et doit être dit [...] à partir d’une position donnée dans une conjuncture donnée». (Pêcheux et al., 1971, p. 148).

5 Minha tradução para: «des mots ‘changent des sens’ en passant d’une formation discursive à une autre» (Pêcheux et al., 1971, p. 148).

Além de relacionar ao discurso do sujeito discursos outros, o interdiscurso também diz respeito ao discurso do Outro, aquele constitutivo do sujeito, já que é através dele que a Ideologia, em geral, atua no processo de *interpelação dos indivíduos em sujeitos*, salientando que esse processo se dá de modo plenamente inconsciente ao passo que esse “*algo*” *que fala sempre antes, em outro lugar e independentemente* (Pêcheux, op. cit., p. 162), confunde as noções de interdiscurso e inconsciente no processo discursivo. O interdiscurso é, portanto, recalcado no inconsciente, apagado, esquecido lá, para poder retornar no discurso do sujeito, dissimulando sua presença.

O autor também mostra que o interdiscurso também pode ser identificável no fio discursivo, por meio da análise do processo discursivo, indicando as noções de pré-construído e discurso-transverso como sendo indícios do interdiscurso no intradiscurso, ou seja, a voz do Outro dissimulada no outro do discurso.

O autor observa que aquele discurso que entra “atravessado” no discurso do sujeito por ter vindo de outra FD, ao se re-inscrever no intradiscurso (fio do discurso), deixa traços daquilo que o determina (ibidem, p. 163) - ponto onde a heterogeneidade mostrada de Authier-Revuz encontra suporte.

Por outro lado, o indício do interdiscurso no intradiscurso não serve para indicar sua determinação. Pelo contrário, reforça o processo de esquecimento em que a ideologia *dissimula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o este aparece como o puro “já-dito” daquele* (op. cit., p.167). Essa “absorção-esquecimento” dos discursos outros que constituem o discurso do sujeito diz respeito à interpelação ideológica e constituição subjetiva do sujeito, para quem todo o processo é dissimulado via inconsciente. É, assim, que Pêcheux, tendo em vista a noção de interdiscurso, cria as bases para construir sua *Teoria não-subjetiva da subjetividade*, calcada na Lingüística, no Materialismo Histórico e, sobretudo, na psicanálise lacaniana.

Criticado por Authier-Revuz (1990) de provocar a homogeneização de seus conceitos e tendo com ela debatido acerca da questão da heterogeneidade constitutiva, Pêcheux, na década de 80, reformula sua teoria em prol de uma maior e definitiva flexibilização dos conceitos pertinentes à AD. A noção de heterogeneidade passa, então, a alicerçar o escopo teórico dessa disciplina, desde sua noção mais crucial, aquela da ideologia. Esta admite um caráter intrinsecamente heterogêneo e, até mesmo, contraditório, bem como a redefine Pêcheux (1980, p. 192): *Uma ideologia não é idêntica a si mesma, não existe senão sob a modalidade da divisão, e só se realiza que na contradição que com ela organiza a unidade e a luta dos contrários.*⁶

⁶ Tradução minha de: «una ideología es no idêntica a sí misma, no existe sino bajo la modalidad de la división, y no se realiza más que en la contradicción que con ella organiza la unidad y la lucha de los contrarios». (Pêcheux, 1980, p. 192)

Sendo a FD a representação da linguagem no discurso, e o sujeito por ela interpelado, nem FD, nem sujeito, podem ser considerados por outro viés que não o da heterogeneidade. Assim, o atravessamento da noção de heterogeneidade provoca fundamental mudança interna na AD, resolvendo várias questões deixadas em aberto, tais como: a imobilidade subjetiva, a homogeneidade da FD e, principalmente, a relação entre interdiscurso e FD.

O interdiscurso, como reformula Courtine (1981), passa a ser entendido como o regulador do deslocamento das fronteiras da FD. É o interdiscurso, por meio da inserção dos discursos advindos de outras FDs sob a forma de pré-construídos e discursos transversos, que “mexe” com a organização dos saberes da FD, fornecendo, além do que pode e deve ser dito, também o que *não pode e não deve ser dito*.

Percebo, portanto, a clara influência da reflexão de Authier-Revuz nessa nova fase da AD, convencionada por Pêcheux de AD3. Questiono, entretanto, se esse diálogo entre os dois teóricos teria sido, na mesma medida, profícuo ao desenvolvimento dos estudos enunciativos. O aparato teórico que lanço mão para levantar respostas a essa questão é desenvolvido no próximo capítulo, através do qual discuto a inserção do conceito de interdiscurso, tal como foi elaborado por Pêcheux, nos estudos de Authier-Revuz.

O ATRAVESSAMENTO DA NOÇÃO DE INTERDISCURSO NA TEORIA DAS NÃO-COINCIDÊNCIAS DO DIZER

A relação com a teoria de Pêcheux, Authier-Revuz explicita somente nos textos de conclusão da tese, onde insere o interdiscurso no estudo das não-coincidências do dizer - novo modo de tratar a dupla heterogeneidade percebida a partir da articulação entre os dois tipos de heterogeneidade.

Para realizar essa articulação entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, a autora convoca apenas os domínios do ponto de vista da psicanálise e do dialogismo bakhtiniano. Tarefa nada simples como a própria autora (1982, p. 68) assume: *os dois pontos do dialogismo e da psicanálise constituem questionamentos radicais, ambos com bases diferentes*.

O antagonismo entre essas áreas se efetua devido à oposição de seus conceitos e objetivos que chegam a ser até mesmo excludentes. Explico. Avesso à teoria freudiana do inconsciente, o que declara abertamente em sua obra *Freudismo*, e na citação que segue: *o estudo das ideologias não depende em nada da psicologia e não tem nenhuma necessidade dela*. Bakhtin (1929, p. 36),

Bakhtin (idem) considera que a interação verbal do sujeito com o outro promove a livre aceitação ou recusa de seu modo de constituição. Para esse filósofo, a interpelação ideológica, ou a constituição pelo Outro - já que a Authier-Revuz não interessa a *ideologia* - *é, portanto, plenamente*

consciente. O suporte para a constituição consciente do sujeito se encontra na língua, uma vez que esta, enquanto signo ideológico, é considerada *instrumento da consciência* (Bakhtin, ibidem, p. 37). Enquanto que o sujeito, em psicanálise, atravessado pelo inconsciente, em nada tem a ver com a ideologia, visto que a preocupação do psicanalista é com casos clínicos e não com a submissão ideológica.

Áreas intrinsecamente tão díspares como estas, cujos objetos mesmos se repulsam, são articuladas pela AD bem no ponto onde o contato não parece ser possível - no caso, o da relação entre ideologia e inconsciente. Por meio da noção de interdiscurso, Pêcheux (1975) relaciona os discursos outros, que, para ele, carregam o ideológico das formações discursivas, ao inconsciente, mostrando que a interpelação ideológica do indivíduo em sujeito se realiza via inconsciente, ou seja, se para Bakhtin a ideologia está encrostada no signo e o sujeito a recebe conscientemente, Pêcheux mostra que o assujeitamento é dissimulado para o sujeito que não tem consciência do modo como se efetua sua constituição.

No entanto, Authier-Revuz não leva em consideração esse aspecto da teoria pêcheutiana, deixando o interdiscurso apenas do lado do dialogismo bakhtiniano como é possível perceber no modo como concebe a segunda não-coincidência, aquela da *não-coincidência do discurso consigo mesmo*:

A não-coincidência do discurso consigo mesmo é colocada como constitutiva em referência ao **dialogismo bakhtiniano** - considerando que é toda a palavra que, por se produzir no “meio” do já-dito dos outros discursos, é habitada pelo discurso outro - e à **teorização do interdiscurso, em análise de discurso**, que remete o “eu falo” aqui e agora ao “algo fala em outro lugar, antes e independentemente” (M. Pêcheux) [...] ⁷ (Authier-Revuz, 1992, p.22)

Nota-se, a partir dessa citação, que o “algo” que “fala em outro lugar, antes e independentemente” de Pêcheux é entendido como sendo o outro externo ao sujeito, fazendo com que a noção de interdiscurso perca sua relação com o discurso Outro constitutivo do sujeito bem como a evidencie mais acima. Assim, a interdiscursividade é percebida como “*representada*” (idem, p. 23), ou ainda como uma “*interdiscursividade mostrada*” que representa a fronteira entre o interior e o exterior (Authier-Revuz, 1988, p. 183), i.e., o interdiscurso, para Authier-Revuz representa o lugar onde se dá a relação entre o outro externo e o interior do sujeito, tornando-se plenamente identificável no fio do discurso, como indicam as estruturas lingüísticas levantadas pela autora (idem): *X, como diz fulano; para retomar as palavras de...; como se diz lá, nesse meio, nesse tipo de discurso; como se dizia; X, no sentido em que fulano emprega; X, no sentido de tal discurso.*⁸

⁷ Os grifos são meus.

⁸ Grifo da autora.

Tomando apenas esse recorte da teoria enunciativa de Authier-Revuz, poder-se-ia dizer que a noção de interdiscurso é ressignificada pela lingüista como sendo a pura relação entre discursos outros na perspectiva dialógica, em que um sujeito traz para compor seu discurso, de modo consciente, o discurso de outro sujeito externo a ele.

Contudo, considero que o estudo de Authier-Revuz procura ir mais além das relações dialógicas, mostrando que esse outro externo também é constitutivo do sujeito, o que conclui, ao pôr em paralelo os conceitos de Outro, apreendido pela relação com a psicanálise, e de outro, retirado do dialogismo bakhtiniano, como se observa em: *todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos “discursos outros” e pelo “discurso Outro”* (Authier-Revuz, 1982, p. 69).

A relação entre ambos é feita a partir do estudo do processo de denegação em que o sujeito afirma sua interação com o discurso do outro para dissimular sua constituição pelo discurso do Outro. Desse modo, Authier-Revuz (idem, p. 73-74) conclui que:

As marcas explícitas de heterogeneidade respondem à ameaça que representa, para o desejo de domínio do sujeito falante, o fato de que ele não pode escapar ao domínio de uma fala que, fundamentalmente, é heterogênea. Através dessas marcas, *designando o outro localmente*, o sujeito empenha-se em fortalecer o estatuto do um. É nesse sentido que a heterogeneidade mostrada pode ser considerada como um *modo de denegação no discurso da heterogeneidade constitutiva* que depende do outro no um.⁹

Sendo assim, a autora (1990, p. 33) reformula o conceito de denegação freudiano que passa a ser considerado como o processo pelo qual o sujeito reconhece a heterogeneidade, *mas para melhor negar sua onipresença*.

Reconheço a pertinência do estudo da denegação para explicar a relação entre a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. Entretanto, percebo que tal estudo não revela a articulação entre ambas no modo de constituição do sujeito bem como o revelei quanto à teoria pêcheutiana da noção de interdiscurso, uma vez que a lingüista apenas coloca as áreas com que dialoga lado a lado sem articulá-las com receio de prejudicar a preservação de suas faces.

Esse naco de inconsistência teórica, a meu ver, resulta do modo como a autora insere a noção de interdiscurso nos seus estudos, reduzindo-a à heterogeneidade mostrada e não relacionando-a ao processo de constituição do sujeito pelo Outro a partir do discurso do outro.

⁹ Grifos da autora.

Se Authier-Revuz objetiva, mesmo que ilusoriamente, interagir com outras áreas do conhecimento de modo que suas bases teóricas permaneçam intactas, a teoria de Michel Pêcheux, compreendida a partir das reformulações da década de 80, parece-me uma solução razoável à articulação dessas disciplinas, visto que o autor já disponibiliza dos arranjos teóricos necessários sem que a lingüista precise deslocar-se de sua posição.

A intensificação dessa interface não necessitaria mais do que o aperfeiçoamento da relação de sua teoria enunciativa com a noção de interdiscurso, reconhecendo suas especificidades e as determinando, senão em suas análises, no quadro teórico o qual elabora.

CONCLUSÃO

No esboço do texto de 1983, *Análise do discurso: três épocas*, onde Pêcheux avalia o percurso do desenvolvimento da disciplina, suas reformulações e novas perspectivas, o autor (idem, p. 316) revela que a terceira fase da AD tem relação com os estudos que abordam a questão da heterogeneidade enunciativa e tematizam *as formas lingüístico-discursivas do discurso outro*, sugerindo, a ponto de revelar, sua relação com a teoria de Authier-Revuz. Seu estudo enunciativo passa, então, a dar suporte à construção do dispositivo analítico em AD, já que uma das etapas da pesquisa na área, geralmente, passa por uma fase de estudo do fio do discurso.

Se a AD, por sua vez, encontrou na teoria de Authier-Revuz uma lingüística mais apropriada aos seus propósitos, percebo que o mesmo não ocorre, não na mesma proporção, a respeito da influência da AD nos estudos de Authier-Revuz.

Como foi visto, a AD entra nesse escopo teórico por meio da noção de interdiscurso que é inserida dentro do quadro no qual a lingüista desenvolve a reflexão acerca das não-coincidências do dizer, cujo texto foi apresentado como conclusão à sua tese de Estado defendida em 1992.

Durante o estudo do modo como o interdiscurso, tal como foi elaborado por Pêcheux, é incorporado à não-coincidência do discurso consigo mesmo, concluímos que essa noção é ressignificada por Authier-Revuz como sendo a representação marcada no discurso do sujeito dos discursos outros, aliando-a apenas à heterogeneidade mostrada. Claro que durante o estudo da dupla heterogeneidade e do processo de denegação, pude perceber que o objetivo da autora é articular os dois tipos de heterogeneidade de modo que um possa constituir o outro. É por esse lado, considerando a união entre o aspecto mostrado e o constitutivo da heterogeneidade, que verifico a importância de um aprofundamento na interface com a dita AD3, reelaborando a noção de interdiscurso na própria base teórica delineada por Authier-Revuz.

Nesse artigo, portanto, procurei mostrar que a noção de interdiscurso, unindo, no discurso, os discursos outros ao discurso do Outro do inconsciente, é tão pertinente à teoria de Authier-Revuz quanto a psicanálise ou o dialogismo bakhtiniano, já que articula essas teorias tão antagônicas, dispondo um espaço possível para que ambas se imbriquem.

Saliento ainda que, embora a análise executada por Authier-Revuz não comporte a ultrapassagem da superfície lingüística, é preciso, pelo menos, que a noção de interdiscurso receba maior relevância durante o desenvolvimento de sua base teórica, visto seu aspecto aglutinador das teorias em interface.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ. (1982) *Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva*: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: Authier-Revuz, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

_____. (1988) *Heterogeneidades e rupturas*: algumas considerações no campo enunciativo. In: Authier-Revuz, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 173-188.

_____. (1992) *As não-coincidências do dizer*. In: Authier-Revuz, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 81-189.

_____. Heterogeneidade(s) enunciativas. *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, n. 19, jul. - dez., 1990, p. 25-42.

_____. (1992) *As não-coincidências do dizer*. In: Authier-Revuz, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP, 1998, p. 13-28.

_____. *Falta do dizer, dizer da falta*: as palavras do silêncio. In: ORLANDI, Eni (Org.). *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP, 1994. p. 253-277.

BAKHTIN, Mikhail. (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

BENVENISTE, Émile. (1970). *O aparelho formal da enunciação*. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. São Paulo: Pontes, 1989. p.81-90.

TEIXEIRA, Marlene. *Sobre a enunciação: a heterogeneidade fundante*. In: TEIXEIRA, Marlene. *Análise do discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 131-169.

PÊCHEUX, M. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2 ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995

_____. *Remontémonos de Foucault a Spinoza*. El discurso político. Universidad Nacional Autónoma de México. Nueva imagen, 1980. p. 181-199.

PÊCHEUX, Michel et al. (1971). *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours*. In: MALDIDIER, D. (org.). *L'inquiétude du discours: textes de Michel Pêcheux*. Paris: Éditions de Cendres, 1990, p.133-153.